

# CA — TÁ LO — GO

EXPOSIÇÃO

EM TERRA DE GIGANTES E DRAGÕES VOADORES

JOSÉ CARLOS BARROS

25 JAN - 24 FEV 2023

ESPAÇO ARTES - POLITÉCNICO DE LISBOA



POLITÉCNICO  
DE LISBOA



ESPAÇO  
ARTES  
POLITÉCNICO DE LISBOA



ESELX



ESTC  
ESCOLA SUPERIOR DE  
TEATRO E CINEMA

ESTRADA DE BENFICA, 529, 1549-020 LISBOA



# ENSAIO PARA UMA BIOGRAFIA

## JOSÉ CARLOS BARROS

Curso de Cenografia da Escola Superior de Teatro.

Professor Coordenador, do Curso de Design de Cena, da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde leccionou disciplinas de “Cenografia”, “Espaço Cénico” e “Tecnologia de Materiais”.

Até 1972, exerceu actividade no domínio das artes plásticas, recebendo prémios em cerâmica e gravura.

A partir de 1973, o teatro tomou inteiramente a sua actividade profissional, efectuando trabalhos de Cenografia, Figurinos, Adereços e Efeitos Especiais, recebendo prémio da SEC na actividade como Cenografista, no espectáculo “Mãe Coragem e seus Filhos”, 1986, de Bertolt Brecht, encenação de João Lourenço, Teatro Nacional D. Maria II.

Das inúmeras cenografias que concebeu, destaca os espectáculos:

“Anúncio Feito a Maria”, 1983, de Paul Claudel, encenação de Jorge Listopad, Teatro Nacional D. Maria II.

A “Rua”, encenação de João Lourenço, Novo Grupo de Teatro, Praça de Espanha.

“Tristão e Isolda”, de Richard Wagner, encenação de Jorge Castro Guedes, Teatro Garcia de Resende, Centro Cultural de Évora.

“Portugal”, de Almada Negreiros, encenação de Jorge Castro Guedes, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian.

“Morte de um Caixeiro Viajante”, de Arthur Miller, encenação de José Peixoto, Amascultura, Teatro da Malaposta.

“Tordesyalta” e “Gato por Lebre”, óperas com libreto e música de Filipe Pires, direcção de António Saiote, e de Autor Anónimo do final do Séc. XVIII, direcção de

Manuel Ivo Cruz, ambas com encenação de Jorge Listopad, Museu da Electricidade.

“Visita Inoportuna”, de Copi, encenação de Jorge Castro Guedes, Seiva Trupe, Teatro do Campo Alegre, Porto.

“Á Beira do Fim”, de Thomas Bernhard, encenação de Júlio Cardoso, Seiva Trupe, Teatro do Campo Alegre.

Foi técnico do Teatro Nacional D. Maria II, desde a sua reabertura após o incêndio, dirigindo a área de Adereços de Cena, entre 1978 e 1989.

Assumiu a Direcção do Teatro da Trindade, em Lisboa, entre 1988 e 1993 e foi seu Director Técnico, até Dezembro de 2000.

Realizou trabalhos de investigação e documentação sobre Teatro à Italiana nas áreas de “Acústica na Cena” (tendo em conta a cenografia e os materiais cenográficos utilizados em espectáculo), e a “Recuperação das Caixas de Palco nos Teatros à Italiana”. Desta última investigação, alicerçada pela disciplina de “Espaço Cénico”, resultou a recuperação do Teatro da Trindade, em Lisboa (1986/87), seguindo-se várias consultorias e acompanhamentos de obras em palcos, junto de Gabinetes de Arquitectura privados e Autárquicos.

Sob a direcção do Professor Carlos Cabral, também Professor da Escola Superior de Teatro e Cinema, participou na fundação de uma companhia de marionetas (Grupo de Fantoques Perna de Pau), no início da década de 70 do século passado, que exibiu espectáculos e também programas com bonecos para a Rádio Televisão Portuguesa. Em 1976, este Grupo de Teatro recebeu apoio da Secretaria de Estado da Cultura, para visitar Charleville-Mézières, em França e assistir ao Festival Mundial de Marionetas, tomando conhecimento e estudando a Marioneta Terapêutica, ramo dos bonecos que viria a aplicar em Portugal.

Levou a efeito um número indeterminado de conferências, oficinas ou cursos práticos sobre cenografia, adereços e marionetas destinadas a teatro ou terapia, por todo o território nacional, incluindo Ilhas e Guiné-Bissau,

Foi conferencista na área do “Teatro/Cenografia”, na disciplina de “Comunicação Visual”, do 1º. Ano, da Faculdade de Belas Artes, da Universidade de Lisboa, nos anos lectivos de 1995/96, 1996/97 e 1997/98.

Fundou e dirigiu a Associação Cultural Marionetas de Lisboa, entre 1985 e 1990, levando a cena vários espectáculos de marionetas, destacando entre eles: “D. Quixote e Sancho Pança”, de António José da Silva (O Judeu), direcção de Carlos Barros, 1985, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

“Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, encenação de Carlos Cabral, 1986, na

Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II (espectáculo nomeado para os Prémios Garrett desse ano).

O cenário de "O Romance da Raposa", de Aquilino Ribeiro, 1986, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

O cenário de "As Histórias de Haquim", de Norberto Ávila, 1986, no Teatro da Trindade.

"Auto da Índia", de Gil Vicente, encenação de Carlos Cabral, 1988, no Museu Nacional de Arte Antiga.

Fundou e dirige actualmente a "Associação Cultural Criadores de Imagens Teatro de Marionetas", entidade vocacionada para a apresentação itinerante de performances com objectos e máquinas cénicas de rua, destacando as três últimas criações: "Dragocirco", "Romagem de Agravados", de Gil Vicente e "Troizando", espectáculos exibidos em várias cidades da Península Ibérica e apresentação, por convite, de "Troizando", no Festival Internacional de Marionetas de Charleville-Mézières, França.

Está representado no Museu Nacional do Teatro e da Dança, em colecções particulares e, certamente, nos espólios de objectos de cena, das inúmeras Companhias de Teatro com quem tem trabalhado.

# A MESTRIA DE JOSÉ CARLOS BARROS

«Eu gosto dos Poetas destimidos,  
Que dizem as verdades sem reбуço,  
Que a lyra não profanam, nem se vendem.  
Estes sim, são Poetas. Quanto aos outros,  
São algozes das Muzas, mercadores  
Que fazem monopólio da poesia,  
Com que escravos adulam seus senhores.  
Quando escrevo meus Dramas não consulto  
Senão a Natureza, ou o meu gênio;  
Si não faço melhor, é que não posso.»

D. J. G. de Magalhães  
*Antonio Jose ou O poeta e a Inquisição*

José Carlos Barros tem um profundo amor pelo Teatro.

José Carlos Barros sabe pensar.

José Carlos Barros sabe fazer.

José Carlos Barros sabe ensinar.

José Carlos Barros é o Mestre.

José Carlos Barros é daquelas pessoas que deixam discípulos e fez escola e tal é muito pouco habitual nos dias que correm, em todo o lado e sobretudo no mundo do Teatro. Efetivamente, não sendo Portugal um país particularmente rico em cenógrafos, sobretudo de qualidade relevante, são muito escassos aqueles que se notabilizam, são ínfimos os que deixam discípulos e ainda mais raros aqueles que deixam escola.

José Carlos Barros começou desde a mais tenra idade a interessar-se pela construção das marionetas, uma paixão que lhe adveio do convívio com fantochei-

ros tradicionais, mas também pelo fascínio pelos espetáculos ambulantes, pelos robertos que, na sua juventude, animavam as feiras de Portugal, lembrando-se em particular de uma “maquineta” que passava pela sua terra natal, pelo Bom-barral, com um espetáculo cuja trama remetia para a difícil “relação” de Sebastião José de Carvalho e Mello com os padres da Companhia fundada pelo santo basco Íñigo López de Loyola.

Depois veio uma formação com uma componente fortemente prática, o curso da Escola Industrial e Comercial das Caldas da Rainha que o pôs em contato e lhe deu a conhecer diversos materiais como os metais, a cerâmica e mesmo os tecidos.

Um registo obrigatório no seu currículo, a sua passagem como modelador nos estaleiros de Carnaval da Sociedade Estoril-Sol, sendo um dos responsáveis pela execução de um dos mais emblemáticos carros de cortejo de Carnaval de sempre, o carro alegórico do cortejo de Carnaval da Costa do Sol da autoria do surrealista Salvador Dalí.

Faltava refinar a parte prática e incluir uma componente teórica muito específica, que foi obtida, entre outras pesquisas, também no Curso de Cenografia na Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional que, entretanto, tinha aberto. Aí se formou, vivendo um período aventuroso e particularmente conturbado na sequência da Revolução de Abril de 74, com greves, manifestações, aulas suspensas, com tudo o que de perturbante tal tinha, mas ao mesmo tempo com a certeza que se vivia um tempo de mudança.

A partir daqui abria-se o futuro e já se percebia, desde o primeiro dia, que era no teatro que ele sabia viver, que era ao teatro que queria dedicar a sua vida e, de alguma forma, ainda hoje é nessa prática que ele sabe existir.

Mas como aferir tal?

Talvez a melhor forma de perceber a ligação de José Carlos Barros ao teatro seja numa simples visita guiada por si a uma sala de espetáculos, como várias gerações dos seus alunos tiveram o privilégio de fazer, descobrindo com o mestre, por exemplo, o Teatro Dona Maria II ou, melhor ainda, os bastidores do Teatro Trindade em Lisboa, de que foi diretor. A forma absolutamente maravilhosa de descrever o palco, de se revoltar com os restauros mal executados, de explicar a maquinaria de cena e até de saber descrever o que viu, o que fez e o que sonha, será talvez a forma mais completa para compreender este criador.

Importa ainda referir a sua capacidade total de improviso, como evidencia na construção das suas marionetas, utilizando meios expeditos para obter resultados visuais notáveis, mas, paralelamente, há em toda a sua obra uma exigência e a um rigor absoluto. Aqui há uns bons anos referia José Carlos Barros ao autor do

presente texto que apenas desejava fazer uma cenografia por ano, porque mais do que isso seria contemporizar com a facilidade, porque jamais transigiria com a qualidade da sua obra e a isso jamais se permitiu ceder.

Não é por acaso que nutre uma profunda admiração por Francisco Ribeiro, mais conhecido por Ribeirinho, a quem, aliás, substituiu na chefia de Produção e Montagem do Teatro Nacional D. Maria II, cuja visão de modernidade e de Teatro partilha, um teatro que, como transparece na obra de Ana Sofia Padrão – *Ribeirinho – O Instinto do Teatro*, é holístico, ou seja, é um todo indivisível e onde as várias áreas convergem, nomeadamente o som, a luz, a cenografia e os figurinos, mas também um teatro enquanto coletivo e não um teatro das vedetas que brilham e dos outros que vivem na penumbra da sua sombra.

Paralelamente José Carlos Barros é o homem que pensa a trabalhar, é o homem que realiza trabalhando, é o homem que gosta tanto de pensar, quanto de fazer, e gosta de fazer mais do que qualquer um, sendo essa talvez a mais extraordinária das lições que conseguiu transmitir aos seus alunos que hoje no país, ou fora dele, vão divulgando a sua mensagem, que vão perpetuando a sua escola.

Esta junção do saber fazer e do saber pensar com a paixão pelo Teatro só poderia resultar absolutamente magnífica, só poderia resultar num caso absolutamente excepcional. É isso que aqui se expõe, a atividade do cenógrafo, do criador de objetos de cena, do marionetista e até do pedagogo, numa mostra necessariamente incompleta de uma parte ínfima obra de José Carlos Barros, apresentada no EspaçoArtes - Politécnico de Lisboa e, também, no Espaço Garrett da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde ele estudou e onde aprendeu e, depois, onde também soube transmitir os seus conhecimentos.

Não cumpre aqui traçar o seu rico percurso profissional, mas não pode deixar de se citar o seu aturado trabalho na conceção e execução de adereços, cenários e figurinos para dezenas de espetáculos, ou a colaboração com companhias como o Teatro Experimental de Cascais, Cornucópia, Novo Grupo de Teatro, Companhia Nacional de Bailado, Seiva Trupe, Teatro do Noroeste, Centro Cultural de Évora, entre várias outras, ou as companhias de teatro de marionetes que fundou, como o “Grupo de Teatro de Fantoques *Perna de Pau*”, a “Associação Cultural Marionetas de Lisboa”, ou a “Associação Cultural Criadores de Imagens – Teatro de Marionetas”, sendo importante referir que, para muitas destas atividades, chamou alunos para o assistir, constituindo essa chamada para tantos a porta de entrada no mundo profissional da realização plástica do espetáculo.

Depois há todo um trabalho na construção das marionetas, merecendo ser enumeradas várias das suas criações, sendo de citar o conjunto absolutamente exemplar que realizou para o espetáculo da companhia Marionetas de Lisboa, baseado no texto *D. Quixote e Sancho Pança* de António José da Silva, hoje mostrado no lugar que lhe é devido na História do Teatro em Portugal, ou seja, em exposição

permanente no Museu Nacional do Teatro e da Dança. Cite-se também a sua “Dragoa”, uma máquina de dimensões notáveis e, ainda, a *Romagem dos Agravados*, o cortejo que ele criou baseado no tríptico *As Tentações de Santo Antão* de Hieronymus Bosch, hoje também em exposição no referido museu.

Cumpra por fim, mas não menos importante, falar do trabalho de José Carlos Barros como pedagogo.

Efetivamente, muito do que é hoje o de Design de Cena, ou melhor de Realização de Plástico de Espetáculo da Escola Superior de Teatro e Cinema, que ele durante muitos anos coordenou, ainda tem a sua marca. Não só em alguns currículos que permanecem, obviamente também nos seus discípulos e na visão de teatro que muitos, entretanto chegados, alguns por ele formados, continuam a trazer à Escola. É o caso de Sérgio Loureiro e de Teresa Varela, sem que jamais se possa pensar em pecado de endogamia. Efetivamente, porque foi ainda por seu intermédio que muitos, vindos de fora, aportaram a uma lecionação eventual no curso de Design de Cena como, entre outros, o arquiteto João Santa Rita ou Maurício Rinaldi, o notabilíssimo designer de luz do Teatro Cólón de Buenos Aires, que ali estiveram e deixaram frutos. Outros, trouxe-os para ficar, como João Calixto que descobriu na companhia de teatro *Circolando* e que entendeu que era fundamental para ensinar a prática da cenografia aos alunos. Ainda na categoria dos que trouxe de fora, podem ser incluídos Marta Cordeiro, José Polainas ou o próprio autor deste texto, que ele soube acolher, criando unidades curriculares novas para o “seu” curso como a “História da Cenografia” ou a “Cenografia Virtual”.

Tal como o subscritor do presente escrito, há muitos que, nunca tendo sido alunos formais de José Carlos Barros, consideram que lhe devem parte da sua formação, enquanto *maitre à penser* de todos aqueles que o puderam acompanhar em visitas que promoveu, por exemplo, ao Museu Nacional do Teatro e da Dança ou aos mencionados espetáculos em que participou ou que assistiram às suas mais variadas comunicações.

Não pode ser esquecida a aprendizagem que sempre proporcionou, de forma totalmente informal, mas muito significativa, aos que com ele conviveram no dia a dia da Escola, quer nos encontros de café, quer em simples conversas de corredor nas antecâmaras das salas de aula, quer nos conselhos para ver este ou aquele espetáculo, este ou aquele filme imperdível, este ou aquele disco a ouvir, como pessoalmente nos aconteceu com as obras de Jan Garbarek, descoberto pelo conselho do José Carlos Barros. Registe-se que até as suas intervenções nas reuniões do Conselho Científico da Escola Superior de Teatro e Cinema, na maior parte das vezes bem apaixonadas, constituíram, para quem escreve este texto e para outros que participavam nessas assembleias, uma formação para a vida cultural, em geral, e uma nova abordagem do mundo e do ensino da realização plástica do espetáculo, em particular.

Que todos saibamos preservar esse teatro que José Carlos Barros tanto ama, de forma a que possa continuar a existir, que se perpetue e que não se torne numa mera memória. Pela nossa parte continuaremos a lembrá-lo e a elogiar um teatro pensado, interpretado, rigoroso, oficial, um teatro feito por mestres e discípulos, um teatro de todos e para todos.

O genial Paulo Autran disse um dia: «Sou apenas um homem de teatro. Sempre fui e sempre serei um homem de teatro. Quem é capaz de dedicar toda a sua vida à humanidade e à paixão existentes nestes metros de tablado, esse é um homem de teatro». No fundo, é isso e apenas isso mesmo, José Carlos Barros é um homem de Teatro.

### **Paulo Morais-Alexandre**

Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).

Afiliação institucional: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal; Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal;. E-mail: pmorais@destc.ipl.pt.

# ONDE INTELIGÊNCIA, TALENTO E MÃOS SE JUNTAM COM AMOR E GENEROSIDADE

Conheci o José Carlos Barros na Cenografia do Teatro Nacional Dona Maria II (quando ainda tinha uma Companhia, como deveria ser), em 1983. Daí nasceu, de imediato, a apreciação de um extraordinário profissional. Mas só quando nos fomos juntando mais vezes em várias encenações que fiz com ele como cenarista, não só foi crescendo a compreensão de que, a par do seu talento e inventividade, era de um conhecimento absoluto da 'máquina italiana' e de encontrar soluções para tudo, dominando também os materiais, mesmo os mais recentes, tanto como os mais antigos, de que hoje a maioria não tem sequer notícia. Partilhámos momentos belíssimos de criação e criatividade, do Garcia de Rezende em Évora até ao Sá de Miranda em Viana, com várias passagens por Lisboa e Porto. E tão ou mais curioso do que isto é que nunca ouvi da sua parte, a pedido de soluções ou propostas que eu fazia, uma única vez dizer "isso não é possível" ou sequer "isso só com muito dinheiro". Para o Barros as soluções (e muitas vezes acrescentando a elas a sua criatividade própria) não só ia dando remédio, como 'metia a mão na massa' para explicar e/ou fazer. Muitas vezes sem ter de recorrer a sistemas ultra-complexos e dispendiosos, mas antes de ultra-conhecimento da matéria e sem gastos exorbitantes.

Sem exagero – e tenho-o dito por várias vezes – não há ninguém em Portugal que o supere nesses saberes e saber como fazer. O Barros é um paradigma, desaproveitado. Onde a cabeça se faz mãos sempre que preciso, as mãos são feitas de inteligência e o coração expande talento.

A par disto fui tomando contacto com a sua não menos talentosa dedicação ao Teatro de Marionetas e Objectos Animados com igual talento e empenho. Não sendo área que eu domine sequer com um mínimo de conhecimento, como espectador fico deslumbrado com muito do que dele já vi.

Mas estas não são só as qualidades que ele tem. Ao óptimo profissional (e pedagogo) que é, a alegria com que aceita os mais complexos desafios e o riso que lhe baila nos olhos e lábios sempre que eles surgem, são também uma 'imagem de marca' da sua paixão pelo Teatro e pela capacidade de superar, em alegria, os momentos que, para muitos outros, vêm de senho carregado e/ou ar de se ter feito um pedido de algo disparatado ou impossível. Ele não: mete mãos à obra e quanto mais difícil parecer ser, mais contente fica e mais depressa encontra a solução

como se fosse uma coisa ali à mão! Para ele, o trabalho é jorro de satisfação e, isto também é importante, enorme cumplicidade criativa.

E quanto ao dinheiro, este vem sempre com um “sei lá” ou “o que puderem pagar”, quando não é mesmo um ‘pro bono’ outros de fazer e fazer bem, mas antes os partilha com quem quer que trabalhe. Além de que também não ‘guarda’ estes seus tesouros para si, mas antes os partilha com quem trabalha ou mesmo com quem só mostra curiosidade. E, com todas estas qualidades, o Barros ainda arranja tempo (físico e mental para parecer uma esponja a absorver e abraçar sempre novas causas, incluindo – veja-se bem! – ter ido aprender a tocar concertina. Como se para ele, ensinar e aumentar a sua própria aprendizagem sempre que possível seja no que seja, fossem vitais como respirar.

Disto tudo e da reunião de muitos outros pontos de vista sobre o Mundo e o caos antropro-civilizacional para que caminha, outras cumplicidades de visão e observação foram nascendo e uma amizade que, hoje, a tenho por sólida. Hoje, aliás, quer dizer já há muitos anos. Amizade pessoal e uma incontável admiração pelo saber, pelo talento, pela generosidade.

Estivéssemos noutras paragens geográficas com amor e reconhecimento das artes e, sobretudo com os decisores (políticos e não só) com massa crítica suficiente para distinguir o trigo do jóio, não só as distinções simbólicas já haviam de lhe ter chegado, como – mais importante para ele e para a comunidade – seria encontrar-lhe um lugar, onde todo o seu imenso saber pudesse contribuir para melhorar os muitos deficits que há neste sector. Haveria (há) diversas formas de o fazer para, mais até do que o premiar, dele aproveitar o tanto que tem para dar. Seria bem mais importante recuperar e preservar estes saberes manuais e inventivos do que “algoritmizar” a partir da muita ignorância que no sector reina.

E em tudo isto dito não interfere a fraternidade que temos. A par dela corre a noção exacta, precisa, lúcida e exigente com que avalio o trabalho e me cresce diariamente a admiração pelo Barros. E a indignação pelo grau quase Grau Zero Kelvin para que caminha o nosso pobre Teatro.

**Castro Guedes**

Encenador, novembro de 2022

# EM TERRA DE GIGANTES E DRAGÕES VOADORES

Sei de um homem que se dá com guerreiros, com engolidores de espadas, com gigantes e leões. Um homem em tudo discreto, mas que ao andar nas ruas não se assusta ao encontrar um cavalo a cuspir fogo, nem se espanta quando um elefante de circo o cumprimenta no café. “Como vai construtor?”. Um senhor com a barba por fazer, desconhecedor da rotina dos prédios de escritórios, incapaz de dominar a arte de pentear o cabelo, ainda que domine as artes de trabalhar os metais e as madeiras. José Carlos Barros é um artesão de sonhos. Um talento solitário e concentrado. Alguém com a estranha capacidade de ver o que os outros não vêem e de tornar vivo o que imagina, o seu mundo. Um parteiro incansável a fazer nascer novos amigos.

**João Nascimento** em *As Idades do Brinquedo*,

“Em terra de gigantes e dragões voadores” (2007)



Dragão.  
"Balbúrdia",  
Espectáculo de Rua.



Cegonha.  
"Balbúrdia",  
Espectáculo de Rua.



Hidra.  
"Balbúrdia",  
Espectáculo de Rua.



Romagem de Agravados.  
Encenação de Carlos Cabral.  
Espectáculo de Rua.  
Estreia em Caldas da Rainha.



Romagem de Agravados.  
Encenação de Carlos Cabral.  
Espectáculo de Rua.  
Estreia em Caldas da Rainha.



Romagem de Agravados.  
Encenação de Carlos Cabral.  
Espectáculo de Rua.  
Estreia em Caldas da Rainha.



Troiando.  
Peregrinação de Rua.  
Charleville-Mézières.



Troiando.  
Peregrinação de Rua.  
Bombarral.



Armadura, com aparato de Fogo.  
"Em Busca do Paraíso Terreal".  
Largo do Carmo, Lisboa.  
Peregrinação/Espectáculo,  
organizada pela ESTC.



"Romeu Love Julieta".  
De António Torrado.  
Encenação de Jorge Castro  
Guedes.  
Teatro do Noroeste.  
Viana do Castelo.



"Romeu Love Julieta".  
De António Torrado.  
Encenação de Jorge Castro  
Guedes.  
Teatro do Noroeste.  
Viana do Castelo.



Máscara para a "Marquesa de Sade".  
De Yukio Mishima.  
Encenação de Filipe la Féria.  
Casa da Comédia. Lisboa.



Máscara Metálica.



Máscara Metálica.



Máscara Metálica.



Máscara Metálica.



Máscara Metálica.



Marioneta de Xadrez.  
"Cid o Campeador".  
A partir de Per Abbat.  
Encenação de José Ramalho.



Máscara da "Dança  
da Noite".  
De António José da Silva.  
Filme "O Judeu".  
Realização de Jom Tob Azulay.



Máscara da "Dança  
da Noite".  
De António José da Silva.  
Filme "O Judeu".  
Realização de Jom Tob Azulay.



Máscara da "Dança  
da Noite".  
De António José da Silva.  
Filme "O Judeu".  
Realização de Jom Tob Azulay.



Rato, em construção.  
A partir de Hieronymus Bosch.  
Para a "Romagem de Agravados".  
De Gil Vicente.



Rato.  
A partir de Hieronymus Bosch.  
Para a "Romagem de Agravados".  
De Gil Vicente.



Dragocirco.  
Espectáculo de Rua.  
Estreia na Amadora.



Dragocirco.  
Espectáculo de Rua.  
Estreia na Amadora.

JOSÉ CARLOS BARROS | JOSÉ CARLOS BARROS